

PFD - Programa Permanente de Formação de Discípulos

Abril de 2016

TEMA PARA DISCUSSÃO EM GRUPO: CONFRONTANDO UNS AOS OUTROS EM AMOR (UMA INTRODUÇÃO À DISCIPLINA ECLESIASTICA)

Este material é dirigido às famílias da IBRVN, que poderão seguir o roteiro proposto, estudando e discutindo o conteúdo apresentado. Ao longo do estudo, pode-se anotar dúvidas, fazer perguntas, e extrair algumas conclusões. Tenha em mente também o encontro presencial, buscando contribuir de forma positiva com suas conclusões.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES DO PRESBITÉRIO

O presbitério orienta os irmãos a observarem o modo manso e longânimo nas reuniões durante as suas contribuições tanto no lar quanto no grande grupo. Nosso objetivo é sempre a edificação do corpo e, para que isso aconteça, precisamos criar um ambiente favorável onde a graça e o companheirismo sejam evidentes.

Jamais podemos esquecer que, ao condenar com veemência uma prática pecaminosa ou uma simples atitude imatura, podemos estar fazendo pouco caso de uma luta íntima que algum irmão querido possa estar travando no seu íntimo, sem encontrar forças para pedir socorro.

Não queremos, de forma alguma, contribuir para que um problema desse tipo fique escondido e, se não tomarmos consciência que todos nós estamos expostos aos mais variados tipos de lutas, podemos estar causando um tremendo mal ao nosso irmão ou irmã.

Também orientamos a todos que leiam o guia ENS_002 que fala sobre o Programa Permanente de Formação de Discípulos, prestando atenção nos objetivos e princípios do programa.

ROTEIRO:

1 – Texto recomendado:

1 – *Hebreus 12*

2 – Assista aos vídeos:

Por que a disciplina eclesiástica é importante par a saúde da igreja (4 minutos)
<https://www.youtube.com/watch?v=Pao4jh3X UI>

Maneiras erradas de praticar a disciplina eclesiástica (5 minutos)
<https://www.youtube.com/watch?v=CUEZfhZRp1s>

3 – Leitura recomendada:

1 – IGR_006 – *Guia sobre Disciplina Eclesiástica*

4- Materiais Adicionais (opcional):

1- *Uma cartilha de disciplina eclesiástica* (Jonathan Leeman)

2 – *Disciplina na igreja* – Jim Elliff

5 – Confrontando uns aos outros em amor

Como todo material elaborado para o PFD, o presente estudo não pretende exaurir o assunto sobre disciplina eclesiástica. Como é sabido, esse assunto pode ter vários desdobramentos, por vezes complexos. O que se propõe aqui é apenas uma introdução a respeito dos conceitos básicos, usando o texto clássico sobre o tema: Mateus 18.

Em estudos futuros o tema pode ser retomado para tratarmos de outros aspectos que não serão analisados aqui ou que serão mencionados apenas superficialmente. Lembre-se, também, de que a leitura do Guia IGR_006 é fundamental para uma melhor compreensão do estudo.

Antes de mais nada, uma breve definição

Falaremos sobre disciplina eclesiástica, mas talvez o significado do termo não esteja claro para alguns. Podemos definir a disciplina eclesiástica como *“uma parte do processo de discipulado, a parte em que nós corrigimos o pecado e apontamos o discípulo rumo a um melhor caminho. Ser discipulado é, entre outras coisas, ser disciplinado. E um cristão é disciplinado através de instrução [disciplina formativa] e correção [disciplina corretiva]”*. (Leeman).

Ser um membro de igreja é ser um representante de Cristo e, quando o representante age de forma a desonrar o nome de Jesus, entra em jogo a *disciplina corretiva*, que é o processo para corrigir o pecado na vida da igreja e dos seus membros.

Também podemos dividir a disciplina eclesiástica em *parte informal* (os dois primeiros passos do texto de Mateus 18 (confrontação um a um e com uma ou duas testemunhas) e *parte formal* (envolvendo toda a igreja), quando podem utilizadas as chaves para uma possível exclusão.

“As igrejas deveriam cultivar um tipo de relacionamento onde a correção informal é requerida e recebida – como um ato de amor. A disciplina formal, feita pela congregação inteira, é reservada apenas para os pecados de tal significância que a igreja não se sente mais capaz de afirmar a profissão de fé de uma pessoa”. (Leeman).

Mas... e o amor?

Muitas pessoas acham que confrontação e disciplina não são coisas amorosas. Mas a Bíblia nos ensina o contrário. Confrontar, da maneira bíblica, é demonstrar amor:

Salmo 141:5: *“Fira-me o justo, será isso mercê; repreenda-me, será como óleo sobre a minha cabeça, a qual não há de rejeitá-lo. Continuarei a orar enquanto os perversos praticam maldade”*.

Provérbios 9:8: *“Não repreendas o escarnecedor, para que te não aborreça; repreende o sábio, e ele te amará”*.

Provérbios 27:5-6: *“Melhor é a repreensão franca do que o amor encoberto. Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos”*.

Hebreus 12:5-6: *“... e estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: Filho*



meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado; porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe”.

Deus nos manda reprovar e admoestar nossos irmãos de alguma maneira (Romanos 15:14; 1 Coríntios 5; Efésios 4:29; 5:11; 6:4; Colossenses 1:28; 1 Tes. 5:14; 2 Tes. 3:6-15; 1 Tim. 5:1-2, 20; 2 Tim. 2:14, 25; 4:2; Tito 3:10-11; Hebreus 3:13; Tiago 5:19-20 e 2 Jo 9-11).

Na verdade, a *“disciplina eclesiástica... é uma clara implicação do amor do evangelho centrado em Deus. É uma amorosa ferramenta que é inevitável em um mundo onde o Reino de Cristo foi inaugurado, mas não consumado. Se o amor de Deus fosse centrado no homem, então a disciplina seria cruel – e para aqueles que se mantêm convencidos na mentira de Satanás sobre Deus, ela sempre soará assim. Entretanto, por buscar uma igreja santa, a disciplina eclesiástica é uma recusa de chamar o profano de “santo”. É a forma de se retirar uma afirmação para que o autoengano não reine. Em um radical desafio à sabedoria deste mundo, a disciplina clarifica exatamente o que o amor é.* (Leeman)

Olhando o assunto sob esse prisma, podemos dizer que a disciplina eclesiástica é um direito dos membros, pois todos os filhos de Deus merecem ser tratados com amor, inclusive a ponto de serem exortados e até disciplinados formalmente pela congregação local para que o pecado não os engane.

Os propósitos da disciplina

Antes de entrar nos detalhes de Mateus 18, precisamos entender quais os propósitos da disciplina eclesiástica. Podemos apontar alguns:

Expôr o pecado: o pecado é como uma célula cancerígena. É preciso achá-la e eliminá-la rapidamente.

Alertar: se não há arrependimento, os danos eternos poderão ser muito piores.

Salvar: Paulo disse que havia entregue o autor daquela infâmia *“a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor [Jesus]”*. (1 Cor. 5:5)

Proteger: Caso não seja eliminado, o câncer vai passando de célula em célula, pois *“um pouco de fermento leveda a massa toda”*. (1 Cor. 5:6)

Todo cristão deve apresentar um bom testemunho ao mundo para a glória de Jesus. Quando isso não acontece, a disciplina entra em ação para preservar a diferença entre ímpios e cristãos. *“Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens”*. (Mt. 5:13)

Quando não obedecemos a Deus, nos abstendo de praticar a disciplina nos casos necessários, não estamos amando de acordo com a Bíblia. Na prática, estamos dizendo que sabemos mais do que Deus sobre como amar.

Esse tipo de atitude arrogante desonra o nome de Deus, é prejudicial para os membros de uma



igreja (não apenas para o membro que precisa de correção) e, por fim, é prejudicial aos ímpios, porque eles não veem o testemunho de uma nova vida nos que se dizem cristãos.

Podemos dizer que *“as vantagens da disciplina são óbvias. Ela recupera os desviados, detecta os hipócritas, faz circular um temor saudável pela igreja, fornece um incentivo adicional para a vigilância e a oração, demonstra cabalmente o fato e as consequências da fragilidade humana e, além disso, testifica publicamente contra a impiedade”* (James).

Vamos lá

A Bíblia contém inúmeros textos que falam sobre a igreja manter sua pureza e unidade e estas não podem existir sem o processo de Mateus 18:15-18, pois o principal obstáculo que impede essas duas coisas de existirem em uma congregação é o pecado.

“O tempo cura as feridas”, muitos dizem. Mas a verdade é que pecados não confessados e não perdoados são como um câncer para a alma e, conseqüentemente, para a igreja. Por esse motivo, é muito importante que prestemos atenção à diretrizes dadas pelo próprio Cristo:

Mateus 18:15-18: *“Se teu irmão pecar [contra ti], vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus”.*

O texto acima é o texto base sobre disciplina eclesiástica. Ele contém os passos necessários para que os membros de uma igreja local lidem com determinados pecados da maneira correta.

A responsabilidade é de cada um

Jesus diz que se você sabe que seu irmão pecou, ou se algum irmão pecou contra você, então você precisa confrontar aquela pessoa. Você não pode fingir que não viu ou não ouviu nada. Também não é certo contar aos outros para que eles resolvam isso para você. Muitos problemas podem ser resolvidos nessa confrontação um a um, de maneira bíblica.

Quem devemos confrontar? Quando?

Nossa responsabilidade é confrontar pecados específicos daqueles que se dizem cristãos, principalmente daqueles que comungam conosco. Deve ser confrontado todo tipo de ação proibida na Escritura e que não pode ser ignorada.

Todo tipo de ação: seja o pecado “grande” ou “pequeno”. A palavra grega usada em Mateus 18:15 para pecado é *hamartase*, termo genérico usada para qualquer tipo de pecado. Usado tanto para incesto (1 Cor. 5:11), como para preguiça (2 Tess. 3:6-13).

Mas somente pecados externos devem ser confrontados, pois saber o que se passa no interior de uma pessoa é impossível para nós, a não ser que palavras e ações revelem um problema em seu coração.



“Um pecado deve ter uma manifestação externa. As igrejas não devem balançar a bandeira vermelha da expulsão toda vez que suspeitarem de avariza ou orgulho no coração de alguém. Deve ser algo que pode ser visto com os olhos ou ouvido com os ouvidos”. (Leeman).

Não que esses não sejam pecados sérios, mas é que o julgamento seria muito subjetivo. Não temos acesso ao coração das pessoas. Mas, no final, os pecados escondidos quase sempre vêm à tona.

Também devemos ter cuidado para não confrontar um irmão baseado em uma preferência pessoal (1 Cor. 4:6), ou mesmo por uma interpretação equivocada ou controversa da Bíblia, e elevada a um padrão válido para todos (Rm. 14:1-2). Nesses casos, onde não há um ensino claro das Escrituras, cabe a cada um colocar sua consciência diante de Deus (Rm. 14:5), tomando cuidado para não julgar o irmão (Rm. 14:4).

Romanos 14:1-5: *“Acolhei ao que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões. Um crê que de tudo pode comer, mas o débil come legumes; quem come não despreze o que não come; e o que não come não julgue o que come, porque Deus o acolheu. Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor está em pé ou cai; mas estará em pé, porque o Senhor é poderoso para o suster. Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente”.*

Por fim, devem apenas ser confrontados pecados que não podem passar despercebidos. *“O pecado deve ser sério. Deve haver algum lugar na vida de uma igreja para que o 'amor cubra uma multidão de pecados' (1 Pedro 4:8). Felizmente, Deus não nos disciplina perceptivelmente toda vez que pecamos”. (Leeman)*

1 Pedro 4:8: *“Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados”.*

Se formos confrontar todos os pecados que outros cristãos cometem, provavelmente não teríamos tempo para mais nada. Além do que isso pode gerar um legalismo nos membros da congregação (fiscais de plantão esperando alguém pecar). Mas como avaliar isso?

Se algum desses itens existir, é melhor você falar conversar com seu irmão:

- O pecado cria um relacionamento irreconciliável entre você e o ofensor? Você pensa constantemente no pecado e no ofensor? (Mat. 5:23-24; Fil. 2:1-4)
- Você nota que o irmão continua a praticar o pecado, sem arrependimento e medidas para mudar? (Heb. 3:12-14; Tiago 5:19-20; 2 Pedro 1:5-10)
- Você percebe que, em decorrência desse pecado, outros serão prejudicados? (Mat. 18:6; 1 Cor. 5:6-7; 12:26).

Se a dúvida persistir, converse com seu irmão de maneira amorosa.

De qualquer jeito?

Além de pensarmos sobre o “quando” confrontar alguém, também devemos aprender “como”



fazer isso. Aqui vão algumas sugestões.

Rapidamente: Mat. 18:15 e Mat. 5:23-24. A demora pode gerar prejuízo ao ofensor e à própria pessoa que viu ou ouviu o pecado (fofoca, amargura...).

Direto ao ponto: sem rodeios, explique ao irmão, de maneira amorosa, os objetivos da sua conversa.

Verbalmente e a partir das escrituras: você deve falar com a pessoa. Artifícios como “dar gelo” na pessoa não contam. Você deve falar com a pessoa e demonstrar, a partir da Bíblia, o pecado cometido.

Em particular: se o possível pecado não é de conhecimento público, quantos menos pessoas souberem, melhor. Talvez o irmão se arrependa rapidamente, ou talvez seja apenas um mal-entendido. Falar para outras pessoas sem primeiro dar esse primeiro passo é fofoca.

Prov. 25:9-10: *“Pleiteia a tua causa diretamente com o teu próximo e não descubras o segredo de outrem; para que não te vitupere aquele que te ouvir, e não se te apegue a tua infâmia”.*

Se você está em dúvidas, você pode procurar conselho a respeito do assunto, sem mencionar nomes.

De forma “relutante”: Não deve ser uma coisa que você está ansioso por fazer.

Prov. 20:3: *“Honroso é para o homem o desviar-se de contendas, mas todo insensato se mete em rixas”.*

Essa atitude pode facilitar, quando a pessoa confrontada percebe que você está com a motivação correta.

Com amor: O propósito deve ser o bem da pessoa confrontada e não ódio ou vontade de machucá-la. *“Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos”.* (Prov. 27:6)

Gentilmente: *“A longanimidade persuade o príncipe, e a língua branda esmaga ossos”.* (Pv. 25:15).

Humildemente: Lembre-se de que você é capaz de cair nos mesmos pecados da pessoa confrontada.

Gálatas 6:1-2: *“Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado”.*

Com cuidado: Escolha bem suas palavras. *“Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo”.* (Prov. 25:11)

Com oração: Paulo orava pelas igrejas antes de exortá-las. Fil. 1:9-11.

E se o irmão não se arrepender?

Caso o irmão se arrependa do seu pecado, o processo termina. Mas, se o irmão não ouvir (não se arrepender) ou o arrependimento se mostrar falso, chame mais um ou dois irmãos. Os irmãos chamados precisam, de alguma maneira, averiguar se houve realmente o pecado. Eles também podem averiguar se não está havendo um erro de julgamento por parte do irmão que está confrontando. Isso pode acontecer.

Mas quem deveria ser chamado nessa “segunda etapa”? Aqueles que são espirituais, conforme Gálatas 6:1. São aqueles que têm conhecimento sólido da Palavra, que são maduros. *“Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria”*. (Col. 3:16)

Os conselheiros/testemunhas devem ser objetivos. Se houve um confronto entre o irmão confrontante e o confrontado, talvez seja sábio chamar duas pessoas que não sejam amigos íntimos de nenhum deles.

Nada mudou. E agora?

Se as duas etapas anteriores não surtiram efeito, Jesus nos diz para comunicarmos à igreja. Não há escolha. Nessa etapa, os irmãos envolvidos devem buscar a liderança da igreja e seguir as diretrizes que eles passarem (cf. 1 Tess. 5:12-13; Heb. 13:17).

Dizer à igreja é bom para aqueles que estão em pecado. Se isso não for feito, os pecadores impenitentes continuarão obstinados no seu pecado, trazendo maldição para as suas próprias vidas. Deus muitas vezes usa essa “pressão” dos membros da igreja para gerar arrependimento e perdão (cf. Sal. 32:1-5; 2 Cor. 2:6-8).

Esse processo é também importante para a igreja. Quando pecado é confrontado com seriedade diante de toda a congregação, todos são desafiados quanto à sua própria santidade. (1 Tim. 5:20).

Essa prática está, hoje, “fora de moda” nas igrejas, mas a verdade é que igreja que rejeita essas instruções de Cristo está em flagrante desobediência (Apc. 2:14-26, 20-23).

Exclusão da membresia

Caso o indivíduo permaneça em pecado, tendo sido confrontado diversas vezes com os mandamentos de Deus, sendo visível que ele preza mais pelo pecado do que por Deus, ele deve ser tratado como “gentio e publicano”.

“Jesus está basicamente dizendo que aqueles que continuam no pecado após repetidas confrontações devem ser colocadas para fora da comunhão da igreja. Eles devem ser removidos da membresia com um anúncio público de que não estão mais permitidos a participar da ceia do Senhor. Os membros remanescentes devem ser instruídos a tratá-los como ímpios, mostrando a eles o amor de Cristo na medida do possível, mas não tendo comunhão espiritual com eles que sugira que eles estão bem com Deus”. (Wayne Mack).

“A igreja remove sua afirmação pública excluindo a pessoa da Mesa do Senhor. Ela toma de volta



seu passaporte e anuncia que não pode mais afirmar formalmente sua cidadania no reino de Cristo". (Leeman).

O uso das chaves

Quando a igreja local exclui alguém, ela o faz com a autoridade dada pelo próprio Deus (Mateus 16:15-19 e Mateus 18:18-20), que lhe deu o poder chaves para ligar e desligar alguém da congregação, declarando ser aquela pessoa cristã ou ímpia (até onde se pode ver).

Todo esse processo de exclusão é muito triste, mas necessário, em obediência a Cristo, em amor à igreja e ao próprio pecador excluído. Deus frequentemente usa essas situações de exclusão para trazer de volta essas pessoas. (1 Cor. 5:5; 1 Tim. 1:20). Tolerar pessoas em aberta rebeldia a Deus, além de ser pecaminoso, gera um efeito muito negativo no corpo de Cristo (1 Cor. 5:6-7).

Restauração

E quanto à restauração?

"A restauração à comunhão da igreja ocorre quando há sinais de verdadeiro arrependimento. O modo como o verdadeiro arrependimento se apresenta depende da natureza do pecado. Algumas vezes, arrependimento é uma questão de preto no branco, como quando um homem abandona a sua esposa. Para ele, arrepender-se significa voltar para ela, simples e óbvio. Contudo, algumas vezes, arrependimento não significa tanto vencer um pecado completamente, mas sobretudo demonstrar uma nova diligência em fazer guerra contra o pecado, como quando uma pessoa é pega em um quadro de vício.

Claramente, a questão do verdadeiro arrependimento é um assunto difícil que exige muita sabedoria. Cautela deve ser equilibrada com compaixão. Pode ser necessário algum tempo para que o arrependimento seja demonstrado por seus frutos, mas não muito tempo (ver 2Co 2.5-8). Uma vez que uma igreja tenha decidido restaurar um indivíduo arrependido à sua comunhão e à Mesa do Senhor, não há que se falar em um período probatório ou uma cidadania de segunda classe. Em vez disso, a igreja deveria anunciar publicamente o seu perdão (Jo 20.23), afirmar o seu amor pelo indivíduo arrependido (2Co 2.8) e celebrar (Lc 15.24)". (Leeman)

Para saber um pouco mais sobre como a igreja deve agir com uma pessoa excluída ou como essa pessoa pode ser restaurada, leia os itens 7 e 8 do Guia IGR_006.

Existem exceções ao processo de Mateus 18?

Vimos o processo de disciplina na igreja analisando basicamente Mateus 18, mas existem algumas exceções a esse processo, como naqueles casos que envolvem divisão na igreja (Tito 3:10), escândalo público ou quando o pecado é muito grave (1 Coríntios 5).

Para saber um pouco mais sobre esses casos, leia o item 5 do Guia IGR 006.

Conselhos de um irmão mais velho

"Mas, visto que alguns, em sua aversão à disciplina aborrecem até o próprio termo, hão de entender isto: se nenhuma sociedade, aliás, nenhuma casa que contenha sequer modesta família, não pode sustentar em condição saudável sem disciplina, muito mais necessária é ela na Igreja, cuja



condição importa seja a mais ordenada possível. Portanto, assim como a doutrina salvífica de Cristo é a alma da Igreja, também a disciplina é como que sua nervatura, mercê da qual sucede que os membros do corpo entre si se liguem, cada um em seu lugar. Portanto, todos quantos desejam que seja eliminada a disciplina, ou impedem o restabelecimento, quer façam isto deliberadamente, quer por irreflexão, realmente buscam a total subversão da Igreja. Pois, que haverá de ser se a cada um for permitido que faça o que bem lhe apraz? Com efeito, isso aconteceria a não ser que se adicionasse à pregação da doutrina admoestações particulares, correções e outros dispositivos dessa natureza, que sustentam a doutrina e não a deixam ser ociosa. Portanto, a disciplina é como um freio com que se contêm e se domam aqueles que se enfurecem contra a doutrina de Cristo; ou como um acicate com que sejam estugados os de pouca disposição; ou às vezes até mesmo como castigo paterno com que têm de ser castigados, com clemência e segundo a mansidão do Espírito de Cristo, os que caem mais gravemente. Vemos, pois, que é o princípio certo de uma grande desgraça para a Igreja não ter cuidado nem preocupar-se de manter o povo na disciplina, e consentir que se desmande. De fato, este é o único remédio que Cristo não só preceitua, mas também foi sempre usado entre os pios". (João Calvino)

6 – Perguntas sugeridas para discussão (em casa e no encontro PFD)

Qual a diferença entre o amor definido pelo mundo e o amor verdadeiro, definido pela Bíblia?

“Todo tipo de pecado pode ser confrontado”. “Nem todo pecado deve ser confrontado”. Explique.

Você acha certo confrontações no estilo eu-digo-na-lata-mesmo? Por quê?

O que você acha daquelas atitudes “Estou apenas colocando para você o pecado do irmão X para você orar por ele, ok?” Isso é bíblico?

Qual a ligação entre membresia e disciplina na igreja? Uma pode existir sem a outra?

O que é arrependimento? Como averiguar se houve ou não arrependimento? É sempre fácil a verificação?

Se todos são pecadores, com que autoridade uma comunidade de pecadores pode excluir alguém?